

LASAR SEGALL: O PINTOR DE ALMAS

LASAR SEGALL: THE PAINTER OF SOULS

Dayse Oliveira Barbosa¹

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na FFLCH/USP. Mestra em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na FFLCH/USP. Professora de Língua Portuguesa no ensino médio. Autora do livro *Grimm e Majidí: figurações da cumplicidade na infância em João e Maria e Filhos do paraíso*. Integrante do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens-FFLCH/USP. E-mail: oliveirab2010@gmail.com

RESUMO: ZATZ, Lia. *Lasar Segall: o pintor de almas*. São Paulo: Callis, 2001.

ABSTRACT: ZATZ, Lia. *Lasar Segall: o pintor de almas*. São Paulo: Callis, 2001.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura juvenil; Lasar Segall; Segunda Guerra Mundial; Tráfico negreiro; Intersemiótica.

KEYWORDS: Literature for young people; Lasar Segall; Second World War; Slave trade; Intersemiotic.

O livro *Lasar Segall: o pintor de almas* é um passeio por 25 obras do artista lituano que se naturalizou brasileiro no final da década de 1920.

Esse passeio inicia-se pela capa do livro, que apresenta um close do rosto de Segall em perfil, lançando um olhar enigmático ao espectador. Na primeira página, o enigma é intensificado pelo desenho de mãos segurando um lápis cuja ponta atrita uma folha em branco. Apenas no desenrolar da narrativa será elucidado que essas duas imagens integram o mesmo quadro: Autorretrato III (1927), de Segall.

No verso da primeira página, há um dos desenhos do caderno *Visões de Guerra* (1940-1943), oferecendo ao leitor um indício de que a temática do livro são os olhares (as visões) do artista para os dilaceramentos provocados pela guerra.

A narrativa principia com uma idosa judia, em um museu cujo nome não é apresentado, visitando uma exposição de Lasar Segall, lembrando as angústias da Segunda Guerra Mundial, quando se depara com o Autorretrato III, sentindo-se totalmente absorta pelo olhar do artista.

A velhinha passou muito tempo por ali, olhando vagorosamente cada pintura, cada desenho. Depois sentou-se na frente de um grande quadro e ali ficou.

Às vezes balançava a cabeça, como se a remoer lembranças. Às vezes passava a manga do casaco no rosto, como se a enxugar uma ou outra lágrima.

Então se levantou e veio andando pensativa. Mas alguma coisa chamou sua atenção. De um quadro que ela não tinha reparado, um rosto olhava direto para ela. Olhou atrás de si, mas não... não tinha ninguém ali. Era para ela mesma que aquele olhar se dirigia. Era? “Bah!”, pensou, “Isso é besteira. Eu é que fiquei muito perturbada com todas essas lembranças”.

Mas a impressão não passou. Era como se aqueles olhos penetrassem fundo, como se dissessem: “Sim, eu li na sua alma, na minha alma e na de muitos outros, e foi essa matéria imaterial que me fez pintar...” (ZATZ, 2001, p. 4)

Em razão de sua forte emoção, a senhora inicia um diálogo com o guarda que faz a ronda da exposição. Esse diálogo desenvolve-se até o final da história, com mínima presença do narrador. Dessa forma, é como se o público visse os per-

sonagens interagindo, apresentando um ao outro as lembranças suscitadas a partir da obra de Segall.

A senhora idosa recorda das atrocidades sofridas pelos judeus na Segunda Guerra Mundial. Ela relata que é judia, de família romena, e veio para o Brasil ainda criança, com os pais, irmãos e alguns familiares próximos, fugindo dos horrores do nazismo. Já o guarda revela o sentimento de dor pelos antepassados que chegaram ao Brasil nos navios negreiros e, mesmo após a abolição dos escravos, vivem à margem da sociedade.

Conforme ambos vão explicitando suas recordações transitam por obras como Navio de emigrantes (1939/41), Pogrom (1937), Êxodo II (1949), Estudo para campo de concentração (1945), Mãe negra (1929), Encontro (1924), além de 11 desenhos não nominados extraídos do caderno Visões de guerra. Esses desenhos apresentam, em sua conjuntura geral, como o olho capta a aniquilação do ser humano em uma guerra.

Para tornar os diálogos mais verossímeis são inseridos na conversa alguns vocábulos típicos da oralidade, como “tá” e “né?” e momentos de tensão entre os personagens, sendo o ápice na página 21, quando a idosa e o guarda desabafam as dores profundas geradas pela saída forçada da terra natal. Ela teve que abandonar a Romênia, ele tem que conviver com a história de sofrimento de seus antepassados escravizados.

- Tinha era muita tristeza! Sabe o que é não querer abandonar a terra natal e ao mesmo tempo ter uma vontade enorme de ir embora, porque para os judeus era impossível continuar lá? Sabe o que um tio meu fez? Furou um olho. É! Furou um olho, pra não ser obrigado a ir para o exército que, para os judeus, durava muito mais anos. Sabe o que é ter que vender tudo, tudo, só para poder fazer a viagem, e não saber como é que será a vida daí pra frente? Sabe o que é ter que deixar pra trás tantos parentes e amigos? Sabe...

- Sabe o que é ver marido separado da mulher, mulher separada do marido, filhos separados dos pais? Sabe o que é ser embarcado à força num navio e ficar trancado por semanas e semanas num porão escuro e imundo, apinhado de gente morrendo aos poucos, de fome, de doença, de falta de ar, de tanto apanhar? Sabe o que é ser arrancado da terra natal e não ter mais esperança de nada, e só pensar em morrer?

Conforme Gagnebin (2009, p. 99), em seu ensaio Como elaborar o passado?, o desabafo dos personagens constituem uma “tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência humana”. Assim, o diálogo dos personagens torna-se o registro da memória dos fatos horrendos tanto da Segunda Guerra Mundial quanto da escravidão negra no Brasil que não devem ser esquecidos pelos nossos jovens, público-alvo do livro.

Outro ponto de destaque do livro é que enquanto a idosa e o guarda conversam, caminham pela exposição e comentam a emoção que vem à tona a partir dos quadros, as telas de Segall são inseridas no livro e tornam-se essenciais ao desenvolvimento da narrativa, como o exemplo a seguir:

- Um sobrevivente sem muito futuro.
 - Mas os negros não são mais escravos, meu filho.
 - Não são. Mas a maioria vive assim, ó.
 - ...
- (ZATZ, 2001, p. 36)

Abaixo desse diálogo aparece a gravura Favela (1930). Assim, o leitor passeia pela exposição de Segall junto com os personagens conhecendo-os concomitantemente à obra do pintor. No final do livro, há uma ficha técnica de cada uma das 25 telas do artista, além da biografia dele e de Lia Zatz, a autora do livro.

Dessa forma, o livro torna-se uma exposição itinerante de Lasar Segall, que o jovem pode levar à escola, ao parque, ao próprio quarto ou à casa de um amigo, visitando-a e revisitando-a incontáveis vezes, comparando telas, bem como analisando os textos verbal e visual em contínua interação.

Durante a conversa da idosa e do guarda chega ao museu uma excursão escolar, as crianças acompanham parcialmente o diálogo dos dois adultos, posteriormente, realizam algumas atividades direcionadas pela professora e, por fim, mostram à idosa que Segall concluiu seus desenhos com uma demonstração de esperança, duas mãos joviais protegendo um passarinho.

Com isso, é formada uma tríade no livro: a idosa (representante do passado),

sobrevivente das perseguições nazistas na Segunda Guerra Mundial; o guarda (representante do presente), que alimenta as memórias de sofrimento de seus antepassados escravizados; as crianças (representantes do futuro), são a esperança de que o trauma nefasto dos adultos não se repita.

Na despedida da idosa e do guarda, ele a presenteia com o poema *Notícia de Segall*, escrito por Carlos Drummond de Andrade, que aborda como a arte de Lasar Segall é capaz de captar a dor atemporal do ser humano.

Lasar Segall: o pintor de almas evidencia o quanto a literatura pode auxiliar a conhecer ou a aprofundar os conhecimentos na obra singular de um pintor que soube interpretar o desespero da alma humana.

REFERÊNCIAS:

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

ZATZ, Lia. *Lasar Segall: o pintor de almas*. São Paulo: Callis, 2001.